

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: FOCO NA PROPOSTA COM GÊNEROS DISCURSIVOS DA ESFERA MIDIÁTICA

Luis Aguiar¹

Resumo: Este trabalho se originou das discussões realizadas pelo PIBID de Língua Portuguesa, na Universidade Estadual de Maringá e tem como objetivo principal discutir resultados parciais do desenvolvimento de oficinas de gêneros jornalísticos no nono ano da educação básica, no ano de 2014. O referencial teórico ancorou-se na Análise Dialógica do Discurso (BAKHTIN, 1988, 1992) e em estudos do Interacionismo sociodiscursivo (BRONCKAR, 2003). Dessa maneira, a pesquisa busca tornar as aulas de língua portuguesa mais atrativas e envolventes para os estudantes, visto que as atividades propostas são voltadas para o estudo e a reflexão do uso de cada gênero, como notícia, reportagem, classificados e entrevista. Resultados iniciais apontam que a oficina tem se revelado uma ferramenta significativa para a elaboração dos conteúdos a serem transpostos pelos alunos.

Palavras-chave: Gêneros discursivos. Língua Portuguesa. Esfera midiática.

Introdução:

O PIBID-Letras na Universidade Estadual de Maringá tem como uma de suas ações na educação básica contribuir com o desenvolvimento da escrita dos alunos, tendo em vista que essa é uma das práticas frequentemente apontadas pelos professores como uma das mais problemáticas. Dessa forma, após discussões teóricas realizadas no primeiro semestre de 2014 acerca dos gêneros discursivos, e em parceria com um dos supervisores de uma unidade-escola conveniada ao projeto, elegemos trabalhos com um nono ano uma oficina de gêneros jornalísticos.

A escolha se deu pelo fato de serem gêneros importantes para o letramento do aluno e também porque o supervisor da escola queria que trabalhássemos no suporte jornal a fim de tornar as produções dos alunos mais significativas. Como o trabalho ocorreu em forma de oficinas e se iniciou no segundo semestre de 2014, estando ainda em andamento, e levando em conta que queríamos trabalhar todas as fases da produção escrita, em especial a revisão e reescrita selecionamos alguns gêneros: notícia, reportagem, classificados e entrevista.

Para o desenvolvimento das aulas a partir dos gêneros discursivos, na esfera midiática, o trabalho tomou como base, especialmente para a prática da leitura, o conceito de contexto de produção em Bakhtin (1992), retomado pelos estudos do Interacionismo Sociodiscursivo em Bronckart (2003). O trabalho com os gêneros continua em desenvolvimento, porém é possível concluir alguns resultados através dos materiais desenvolvidos desde o início das

¹ Graduando do curso de Letras Francês – Português, na UEM – Universidade Estadual de Maringá. Luis.aguiarr@hotmail.com.

aulas elaboradas. E nisto incide um dos aspectos relevantes desta exposição, resultados positivos, através das atividades diferenciadas dentro da sala de aula, com os gêneros discursivos, da esfera midiática.

Desenvolvimento:

Em razão da necessidade de buscar mais informações específicas, as aulas ministradas aconteceram mediante prévias discussões teórica-metodológicas realizadas com a coordenadora e supervisor da unidade. Realizamos, juntamente com o supervisor envolvido, encontros, com a finalidade de levantar um estudo sobre a elaboração de uma sequência didática, bem como a elaboração de um material didático que não fosse uma compilação de fragmentos de livros didáticos, com base em ROJO (2000) e HILA (2008).

Baseado nessas discussões, elaboramos, juntamente com o supervisor e coordenadora, planos de aula e oficinas para cada um dos gêneros escolhidos. Cada oficina trouxe as seguintes seções: (a) motivação para o gênero; (b) O contexto de produção do gênero; (c) A estrutura composicional e as marcas de estilo; (d) Proposta de escrita. Salientamos que na fase da reescrita de todos os gêneros trabalhamos o planejamento, a revisão e a reescrita, o que na verdade fez da oficina uma ferramenta significativa para o desenvolvimento da escrita dos alunos. Por meio da revisão, identificamos e localizamos os tipos de problemas dos alunos, por intermédio de comentários e de uma correção textual-interativa, além de discussões face-a-face que permitiram aos alunos entender os problemas que apresentavam e reconfigurá-los.

Outro cuidado no material foi com o letramento visual (DIONÍSIO, 2014). Tomamos o cuidado de usar letras diferenciadas, ilustrações, infográficos, cores a fim de atrair a atenção do aluno para os textos, para pontos teóricos importantes de internalização, etc. Além disso, metodologicamente, seguimos as orientações de Dolz e Schneuwly (2004) acerca das tipologias de perguntas em uma sequência didática. Embora não trabalhamos com essa ferramenta, nos exercícios de leitura distribuimos questões abertas, fechadas e até lacunadas, na tentativa de desenvolver diferentes habilidades dos alunos.

Na prática da leitura de cada gênero, enfocamos as considerações de Bronckart (2003), sobre o papel social do locutor e interlocutor e as relações interdiscursivas presentes em cada situação de interação, respondendo as perguntas básicas: que vozes são essas presentes no texto?, da dona de casa?, do vendedor? Do político? Da criança?, essas vozes se confrontam no texto e emergem dele. Além disso, é importante que o aluno reconheça a identidade social dos interlocutores. Para Bronckart (2003), o lugar social de onde falam os parceiros da

interação, isto é o texto além de ter um emissor que é a pessoa que produz e um receptor a que recebe, também apresenta posições sociais por eles desempenhadas. No caso do jornal, não podemos nos esquecer que o próprio suporte delimita aquilo que pode e deve ser dito. Assim o trabalho com esses elementos do contexto de produção oportuniza aos alunos assumirem um olhar mais crítico e questionado sobre aquilo que leem.

Acerca das aulas, ministramos quatro encontros, cada encontro com duas/hora aula, com um objetivo relacionado ao gênero estudado: reconhecimento do gênero, estilo e estrutura, produção e por fim, a reescrita. Cada reunião há um material específico e exercícios, que respeitam as práticas da leitura, da escrita e da análise linguística.

Uma das fases significativas para os alunos deu-se na fase de reconhecimento dos gêneros, pois muito deles não conheciam os gêneros jornalísticos. Sobre esse aspecto, Marcuschi (2002, p. 2), afirma que o estudo e a “análise de gêneros engloba um estudo do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sócio-cultural no uso da língua de uma maneira geral”. Assim, é importante o reconhecimento e a diferenciação de gêneros, como já fizemos com dois gêneros da esfera midiática, a notícia e a reportagem, fazendo com que o aluno reconheça e diferencie, através das condições de produção.

1224

Outra prática desafiante tanto para nós na elaboração das oficinas, como para os alunos, foi quanto aos exercícios acerca do estilo de cada gênero. Segundo Marschuschi (2002, p.4), o estilo é “o estudo dos aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo”, ou seja, a linguagem que o gênero apresenta. Nas nossas aulas, essas atividades são desenvolvidas através da análise linguística. É importante que os alunos percebam a utilização de determinado vocábulo. A estrutura é a forma que o gênero apresenta, porém, ressaltamos que “não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social” (MARSCUSCHI, 2002, p.2). Para chegarmos a esses exercícios fizemos um modelo didático de cada gênero (cf. DOLZ e SCHENEUWLY, 2003), no qual estudamos as marcas de estilo do gênero. Claro está que consideramos esse modelo ainda muito empírico, pela falta de tempo que tivemos entre o estudo de cada gênero e sua transposição didática para as oficinas.

Quanto à etapa da produção escrita de cada gênero, ela respeita as fases da escrita, daí ter sido uma das oficinas mais longas. Após a produção, iniciamos a fase da revisão. Conforme Menegassi (1998) três operações são necessárias para esse momento: a) detectar o problema; b) identificar o problema e c) definir estratégias de correção. Desses três

procedimentos o que nos parece ainda mais difícil é o momento de especificar o problema do aluno. Muitas vezes percebemos que há um problema no texto, mas não conseguimos categorizá-lo. Essa foi e está sendo uma angústia nossa, porém não foi percebida pelos alunos. Nas revisões feitas tomamos o cuidado de identificar claramente ao aluno o problema de seu texto. Exatamente por esse cuidado, consideramos que essa etapa foi fundamental para a reescrita, pois além de ler os nossos comentários a interação face-a-face no momento da reescrita fez com que aqueles alunos que ainda não tinham entendido o comentário conseguissem agora entendê-lo. Finalmente sobre a reescrita, Menegassi (2000, p. 1) comenta que a etapa da reescrita é fundamental para a construção do texto do aluno. O processo de revisar a partir dos comentários do professor pode desencadear novas ideias para a construção do texto, assim, a reescrita será sempre diferente da versão original, pois cada nova experiência, o autor acumula informações que o fazem crescer.

Posteriormente, como o projeto só se finda em novembro, o PIBID Letras da UEM irá publicar um jornal impresso da escola Santa Maria Goretti, titulado como “Goretti News”, nome escolhido pelos alunos, concretizando os estudos durante o ano. Os alunos, juntamente com os bolsistas, reunirão todos os textos produzidos durante o ano, como as notícias, as reportagens, os classificados e as entrevistas. Dessa forma, o PIBID realizado na escola Estadual Santa Maria Goretti preocupa-se com o interacionismo sociodiscursivo, apresentando um material voltado nas concepções de gênero com abordagem dedutiva.

Conclusão:

O estudo com gêneros discursivos, focando nos gêneros da esfera midiática, como a notícia, a reportagem, o classificado, a entrevista, entre outros textos, por meio de oficinas, tem sido uma prática positiva. Os resultados, ainda parciais evidenciam uma relativa melhora tanto quanto ao letramento jornalístico do aluno como sua escrita. O PIBID, de modo geral, nos leva a inferir que o programa consegue desenvolver na ação um conjunto de saberes, bem como o teórico, ético estético e disciplinar.

Para nós, por outro lado, fica evidente dificuldades ainda no processo de transposição didática e do material didático das oficinas. No entanto, essas dificuldades têm sido objetos de sessões reflexivas durante encontros com supervisores e coordenação do projeto, que tem nos ajudado a resignificar muito de nossas próprias práticas. Mas é na prática de sala de aula que estamos aprendendo que teoria e prática deem ser trabalhadas concomitantes na nossa formação.

Para finalizar, é relevante mencionar que esse trabalho evidencia a possibilidade da prática dos estudos interacionistas e sociodiscursivos na sala de aula, tornando possível o diálogo entre o professor, aluno e o mundo que o cerca. O PIBID contribui para a compreensão da prática profissional, diante da nova sociedade, do conhecimento e no próprio processo de formação docente na esfera acadêmica e no cotidiano escolar.

Referências Bibliográficas:

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In M. Bakhtin, *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRONCKART, J-P. *Atividade de linguagem, texto e discurso: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. De Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

DOLZ J.; SHENEUWLY, B. DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (Orgs.) **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004, p.95-128.

HILA, C.V.D. *O procedimento sequencia didática como instrumento de ensino no estágio de docência*. **Anais...** II CONALI – congresso internacional de Linguagem e Interação. Maringá: Departamento de Letras Editora, 2008. [CD-ROM]

1226

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais e produção linguística*. Brasília: CEFT-PI/UNED, 2004.

MENEGASSI, Renilson José. *Comentários de revisão na reescrita de textos: componentes básicos*. Campinas, 2000, p.83-93.

ROJO, R.H.R. *Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala: progressão curricular e projetos*. IN:_____. (Org) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando o PCNs*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 200, p. 27-37.